

Crise do coronavírus

O que nos vale contra a ira do povo

Uma coluna de Thomas Fricke

Se há coisa que desperta a ira nas pessoas é a impotência. Isso poderia explicar por que motivo, actualmente, o governo alemão se encontra em tão boa posição junto da grande maioria dos Alemães, no que toca à sua gestão da crise do coronavírus.

04.09.2020, 17h58m



Manifestação de crentes em teorias da conspiração: uma clara minoria
Foto: Kay Nietfeld / dpa

Parece haver momentos em que, só com imagens, se geram impressões enviesadas da realidade. Como aconteceu esta semana, em que todos os dias pudemos ver imagens com gente irada a segurar cartazes em que se via a chanceler vestida de fato de prisioneiro. E as pessoas vinham para as câmaras afirmar que somos todos enganados pelos que estão lá em cima. E somos oprimidos. Com máscaras. E que tudo e mais alguma coisa é absolutamente péssimo. E que em breve daremos cabo dos que estão lá em cima.

Num momento em que todas as sondagens possíveis junto do povo confirmam valores de aprovação recorde para a chanceler e para os que estão lá em cima. E quase 90 por cento dizem que as máscaras são boas e bonitas — e que até se deveria fazer mais.

Thomas Fricke



Nascido em 1965, dirige desde 2007 o portal de Internet *WirtschaftsWunder*. De 2002 a 2012 foi economista-chefe do *Financial Times Deutschland*. É co-fundador do *Forum New Economy*, que reúne especialistas com o objectivo de criar um novo princípio orientador para a economia.

Mas será então que os manifestantes são [só um punhado de loucos](#) que tiveram direito a demasiada atenção — terá sido a manifestação de Berlim apenas uma espécie de cimeira na capital para adeptos de opiniões marginais? Possivelmente. Só que isto parece ter mais que se lhe diga — e permanece a questão de saber por que motivo o governo tem neste momento tanta popularidade. Uma tentativa de explicação.

O que parece tão paradoxal poderá revelar-se útil na busca por saber o que será eficaz para combater a ira e a má disposição que, nos tempos que correm, abalam o ideal da democracia liberal, não só no nosso país, mas também no de Trump, na ilha do Brexit e em muitos outros países.

Entre nós, continuamos a considerar que a maior causa desta ira é o que aconteceu há cinco anos — o facto de, repentinamente, centenas de milhares de refugiados terem vindo até nós e, pela primeira vez, o governo nos ter parecido desorientado. Desde então, a [AfD](#) ganhou peso, leccionam os politólogos. Só que: por que razão, quase ao mesmo tempo, nos EUA, Grã-Bretanha, França e noutros lados se registou um novo ímpeto dos populistas, em lugares onde não existia uma chanceler do tipo «nós-vamos-conseguir»?

Medo da insegurança — este é um princípio orientador do liberalismo de mercado

Os economistas britânicos Mark Blyth e Eric Lonergan, no livro que acabaram de publicar, *Angrynomics*, oferecem uma impressionante explicação alternativa. Segundo eles, as causas profundas desta ira generalizada é uma mescla de medos individuais e a impotência gerada por fenómenos económicos reais do nosso tempo, como por exemplo as mudanças tecnológicas ou a transição repentina para uma economia ambientalmente neutra.

Na verdade, são ambos importantes para alcançarmos uma vida melhor no futuro, afirma o duo de autores da Escócia e da Irlanda. «As rupturas geradas por uma tal mudança provocam nas pessoas apenas um *stress* e um medo latentes ou expressos — e algo com que as pessoas só com muita dificuldade conseguem lidar: a insegurança». E isto, dizem Blyth e Lonergan, num ambiente económico que, durante 30 anos, se orientou pelo princípio (do liberalismo de mercado) de que cada um tem de lidar sozinho com isso — e os governos foram desmontando todas as eventuais seguranças que teriam protegido os cidadãos destas rupturas.

«Se, por ocasião destas rupturas, perdermos efectivamente o nosso nível de rendimentos ou se virmos como outros ganham, ficamos furiosos», dizem Blyth e Lonergan. E esta fúria pode assumir duas formas: uma indignação moral que, fundamentalmente, tem um efeito positivo, já que procura resolver problemas reais; ou algo que os dois economistas descrevem como «tribalismo», gerado pelo reflexo fundamentalmente muito humano de querer sentir a pertença a um grupo e de nos delimitarmos face a outros. A ira é canalizada, como acontece com os adeptos de um clube de futebol, afirmam — só que, precisamente, não resolve efectivamente os problemas.

O mais dramático é que, em tempos como este, existem algumas pessoas que tentam desviar a ira de um tal tribalismo para um tom de base fundamentalmente nacionalista. Pode dizer-se isso de Donald Trump e dos adeptos do Brexit, para os Attila Hildmanns dos nossos dias e quaisquer outros que se situem na ala extrema da direita. Alguns políticos estabelecidos também tendem para esta via — uma «resposta cínica à própria perda de controlo sobre a economia».

Sendo que uma tal perda de controlo pode também ser causada por outras imponderabilidades que, nas últimas décadas, têm feito parte de uma [globalização](#) mais ou menos mal gerida, quer sejam as grandes crises financeiras ou, lá está, as pandemias. Quando choques da globalização nos levam a poupar nos mais pobres, a maior insegurança pode também ser rapidamente aproveitada para dirigir a ira contra as minorias, afirma o economista de craveira de Harvard Dani Rodrik.

A crise sob controlo

Se o diagnóstico estiver correcto, isso explicaria por um lado por que motivo, na Alemanha, nos últimos anos, se gerou tanta ira junto dos cidadãos e a AfD, segundo os estudos que se vão fazendo, conseguiu ganhar tanto terreno precisamente nas regiões mais afectadas pelas referidas mudanças e pela consequente insegurança das pessoas. Neste contexto, a crise dos refugiados terá sido possivelmente apenas mais um símbolo da perda (ocasional) de controlo.

Poderia além disso explicar por que motivo o governo alemão, com as medidas que tomou agora na [crise do coronavírus](#), parece de repente ter alcançado o efeito contrário e beneficia, pelo menos, de muita ressonância positiva. Percebe-se aqui que:

- a satisfação com o seu trabalho desde o início da pandemia subiu repentinamente de 32 para um recorde que há anos não se via, de 66 por cento, indica a Infratest dimap;
- as pessoas estão mais satisfeitas com a chanceler, o ministro da Saúde e o vice-chanceler do que com qualquer outro político;
- mais de 70 por cento dizem considerar competente o que o governo fez na crise do coronavírus, como revela um estudo acabado de divulgar da organização de utilidade pública «More in Common» — um valor de sonho para os políticos;
- quase 70 por cento indicam até que a forma como a crise foi tratada na Alemanha os torna «mais orgulhosos do meu país» — opinião partilhada por apenas 39 por cento das pessoas em França ou na Grã-Bretanha;
- pelo contrário, desde o início da crise, a AfD sofreu uma queda de 14 para um valor claramente abaixo dos 10 por cento em sondagens eleitorais — o que não se deve seguramente apenas às suas contendas pessoais internas.

É muito revelador que, atrás destes números, se encontre no entanto um sentimento bastante generalizado de que o governo conseguiu controlar esta crise extremamente bem — pelo menos se avaliarmos o que acontece normalmente numa pandemia deste tipo. O que os números moderados de infecções e óbitos parecem confirmar. Afinal de contas:

- apenas 11 por cento dos Alemães, numa sondagem da Infratest dimap, dizem que as restrições devido ao coronavírus são excessivas — ao contrário do que poderíamos deduzir com base nas

- queixas de opressão ouvidas nas manifestações; quase 28 por cento aprovariam — na linguagem dos conspiradores — que seria positiva uma ditadura ainda maior do coronavírus;
- 70 por cento dos inquiridos do estudo da «More in Common» consideram «democrático» o modo como o governo lidou até agora com a situação do coronavírus;
 - e, desde o ano passado, de 63 para 49 por cento, diminuiu a proporção de Alemães que consideram que neste país «reina a injustiça».

Se assim for, isso poderia resolver o paradoxo dos dias que vivemos. Nesse caso, o que o governo fez é tão bem visto precisamente porque, ao contrário do que aconteceu nalgumas outras crises, não deixou criar a impressão de que, de algum modo, não a tinha sob controlo. Através de restrições de contactos de algum modo razoavelmente exequíveis. Ou com ajudas de emergência e subsídios para regimes de trabalho a tempo parcial e pacotes conjunturais. E se calhar também com o facto de tudo ter sido muito bem explicável — e, precisamente, por não ter sido tudo passado à força «e é se queres».

Isso não significa todavia que um ou outro flautista de Hamelin não possa ter conseguido converter a ira de outros em tribalismo ou a crença em teorias da conspiração, como se revelou neste fim-de-semana — totalmente em sintomia com a segunda opção de diagnóstico de Mark Blyth e Eric Loneragan. Só que, globalmente, foi antes de mais um fenómeno marginal.

Abordagens políticas simplistas e raivosas

Quando as pessoas ficam furiosas sobretudo devido à perda de controlo, próprio e político, isso pode explicar muito do que vivemos hoje no mundo — por que razão homens com abordagens políticas simplistas e raivosas, como [Vladimir Putin](#), [Viktor Orbán](#), [Jair Bolsonaro](#) ou [Donald Trump](#), alcançam um nível de aprovação tão surpreendentemente elevado.

Existe aqui evidentemente, com base nas mais recentes experiências na Alemanha, potencial para orientar a política muito mais especificamente para veicular às pessoas uma sensação de controlo. Isto, para um vírus, implica restrições equilibradas — como para tudo o que funcione contra as consequências económicas deste e outros choques: de ajudas monetárias do banco central, passando pela suavização da mudança para uma economia verde ou para a digitalização, até à redução de diferenças excessivas nos níveis de rendimento e património — ou uma melhor protecção contra fraudes das empresas.

Ou seja: para tudo em relação a que, entre o povo, se gerou nos últimos anos a sensação de que os governantes perderam o controlo.

A pandemia ainda está longe de acabar — e não sabemos se alguma coisa ainda ficará fora de controlo. Até indicação em contrário, parece que os Alemães, na crise do coronavírus, poderão ter mostrado uma espécie de esboço do que poderia ser uma política que reduz a insegurança e a ira do povo. Sem pose de *macho man*.

Artigo original: https://www.spiegel.de/wirtschaft/soziales/corona-krise-was-gegen-die-wut-im-land-hilft-kolumne-a-1fc88981-55a4-4e8d-b38c-22ee6f99b8d9?utm_source=pocket-newtab-global-de-DE

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes